

Baptista-Bastos ou a reinvenção dos lugares de espanto

Aquando da 1ª. edição de *A Colina de Cristal* (1987), dissemos que ainda não era o "livro de amor" que Baptista-Bastos prometera nas páginas de *Elegia para um Caixão Vazio* (1984), mas com esta reedição podemos de novo reafirmar que é um livro de memória, esperança e combate, e talvez de denúncia de muitos lugares de espanto, pelo sentido comovente de ser um regresso ao passado para recuperar o que resta desse paraíso perdido da infância e adolescência de que já tinha falado em *Cão Velho Entre Flores* (1974). Mas, sobretudo, é a forma pessoal de entrecruzar pelo fio narrativo da lembrança tudo o que desde sempre cabe nesta "alegoria" ou "parábola" para desvendar ou evocar gentes, rios e lugares que percorreram idêntico destino por caminhos reinventados e redescobertos sob outros olhares. Ou talvez a mesma e repetida forma de fixar a realidade nos limites do sonho e da certeza, da ilusão e de uma não escondida inocência. Mas sempre esse modo único e individualizado de a "escrita" ser, como de facto é, uma possível salvação. Por isso, perpassam por estas páginas de *A Colina de Cristal*, lúcida e corajosamente, sinais claros de um inalterável combate que os anos não esmoreceram, mesmo que se mude de barricada: o de uma solidariedade não regateada, o da amizade permanentemente renovada, o da denúncia da realidade (humana, social e política), cujas marcas continuam visíveis pelos lugares, ruas e estradas de um mesmo consentido desencanto ou indiferença, mas nunca de renúncia nem como forma de o cruzar dos braços. E por isso Baptista-Bastos declara pela voz do seu Narrador: "*A maturidade de um homem está ligada à perda da sua inocência, à desilusão, ao desencanto. Muda-se-lhe tudo: a maneira de olhar e de examinar as coisas, que se tornam mais distantes*".

No entanto, não sendo ainda esse "livro de amor" que em *Elegia* se anunciava, *A Colina de Cristal*, na sua releitura passados treze anos, é de facto a confirmação da mesma capacidade de efabulação narrativa, utilizando como "matéria" expressiva os restos e os rostos de tudo o que o olhar revive e lembra, servindo-se dos lugares, histórias, lendas ou zaragatas em tabernas da calçada do Galvão ou da Ajuda para revestir ou encobrir de cristal essa colina que consente muitos e desvairados sonhos, o Tejo lá ao fundo, como rio de tantas partidas e de poucas chegadas, ainda na memória de faluas e fragatas que desapareceram com o tempo. Mas esse regresso ao passado, na constante reinvenção do tempo, de outrora e de ontem, de hoje e sempre do futuro, cruza com as sombras evocadas por esses lugares que têm, como a nau catrineta, muitas histórias para contar, à sombra tutelar do antigo "real Barraco" ou paço velho de madeira, na recordação da "belenzada" e da atitude corajosa de Passos Manuel que se insurgiu contra os desejos de Dona Maria II em pedir ajuda estrangeira, ainda na lembrança de por estes lugares haver a igreja da Memória mandada construir por dom José por ter escapado do atentado na noite em que regressava da Quinta do Meio onde estivera nos braços amorosos da jovem marquesa de Távora e que bem sabia montar como bom cavaleiro que era, na memória da estátua de Machado de Castro no Terreiro do Paço de outras histórias, mas sempre na evocação pungente da coluna de mármore no Chão Salgado para evocar o suplício e flagelo de que foram vítimas os familiares dos duques de Aveiro por conspirarem contra o rei, e mais perto de nós a recordação de em Belém, ao fundo da calçada, ter Sidónio Pais passado as últimas horas antes de ser assassinado na estação do Rossio.

Ora, nas páginas de *A Colina de Cristal* é toda essa "massa" vivida e histórica, real e presente, que dá corpo ao "discurso" narrativo do livro, por onde passam e falam, em horas de sonhos e trabalhos, Rémora e Centauro, Ester e o Narrador, mas através de quem se lembram também outras figuras de *Cão Velho Entre Flores*, como o Mudo ou o tio do Narrador que era pau-para-toda-a-obra em tempos bem difíceis. Mas não se trata de "personagens" de um livro que, no fundo, não tem história para contar: o que por aí se narra e de que sempre se fala liga-se de perto e por dentro ao sentido reinventivo de ser o tempo e a memória, os lugares e as gentes, as ruas e as casas que comandam os fios que se desdobram ou se tecem na profusão cruzada e entrecruzada de tantas coisas descritas e evocadas. E é assim que o tempo se impõe como valor ou elemento significativo e assume plena autonomia no narrar/imaginar de todo o livro. Não se conta nenhuma "história", não existem personagens para conhecer ou fixar, mas há histórias entrelaçadas e figuras que se denunciam de forma muito nítida: "*Acode-me sempre à memória as mil pequenas coisas que nos sucederam e às quais não atribuímos a importância devida. São coisas emudecidas pelo tempo: factos, rostos, gritos, gestos, vozes sem som, que talvez por isso mesmo mais avultem, mais os seus misteriosos impulsos se nos imponham*".

Mas em *A Colina de Cristal* ganha força e sentido esse "espírito" dos lugares, não como atitude sentimental ou lírica e antes de por aí reinventar o "tempo certo" para entender o que nas páginas finais da narrativa claramente se denuncia: com estas e outras gentes, a colina foi testemunha silenciada e transparente por estes lugares da ascensão do fascismo em anos de nós já tão distantes. E porquê? Porque apenas nesse lugares permanece ainda viva, nas casas e nas pessoas, a memória do render da guarda, do alerta das sentinelas, de vozes de comando nos quartéis, dos desfiles legionários e militares, enfim, toda essa "couraça" necessária para a consolidação de Salazar no poder, no alheamento de quem com pouco e por muito pouco se contentava, encolhia os ombros, aplaudia em

cerimónias de espanto e medo ou se embrulhava em surdas conspirações. E é evidente que essa "couraça" tem simbolicamente a sua contrapartida nos sonhos e trabalhos de Rémora e Centauro, no acto de abrir caminhos e estradas povoadas de outros sacrifícios, conflitos, formas de exploração, horários de sujeição e de fome, mas sempre nesse modo de consolidar, pela estrada real da vida, os caminhos que se forjam na amizade, companheirismo e convivência que afinal não se perderam: "*As estradas que construímos são como rios sem margens, e todos os rios vão dar aos oceanos, desta ou daquela maneira*". E Rémora diz: "*Só tem saudades aquele que nasceu e viveu em sítios certos. Eu não sei onde nasci. Viver, sempre vivi, desde que me redordo, a construir estradas*".

Porém, muitas se revelam as referências narrativas sugeridas ou de facto denunciadas nas páginas de *A Colina de Cristal*: desde a lembrança da morte de Sidónio à revolta da Marinha Grande (acontecida no mesmo ano em que nasce o Narrador, e isso não pode ser um elemento casual neste livro), passando pela evocação do Pátio das Damas ou da Torre do Galo, até ao despontar sorrateiro e voluntarista do salazarismo, que se pôde implantar na ingenuidade destas gentes e na astúcia manobrista de uns tantos zelosos cumpridores da ordem de que o Narrador evoca os seus nomes (Botelho Moniz, Carneiro Pacheco, João Perestrello e outros), mas pela desordem e desentendimento a todos os níveis desses conturbados anos da Primeira República entre 1920 e 1926 - tudo se explica (não se explicando, é óbvio) como o olhar do Narrador não perde nem esquece nada do que por esses lugares e na presença renovada da "colina de cristal" a sua memória guarda e revela em comovidas páginas de cansaço e de espanto.

E assim, no que ainda sobra dessa "mitologia" dos sonhos da própria adolescência, o livro nos conduz para um claro sentido e clima de medo, de silêncio e de história(s) e dessa forma nos faz entender esse passado com um olhar pessoal e inconfundível: "*Aqui eu vi o rio como nunca mais ninguém o verá. Aqui é antigamente, sobre o qual agora me debruço com perseverança, mas não disponho de uma memória muito consistente: a memória, por livre, é perdulária. E a última a morrer*". Ora, nesta forma comovida de "descer aos infernos" da memória pelos rios e lugares que se não perderam, "*nessa flutuante nuvem de destroços*" se compreende como *A Colina de Cristal* se deve aceitar como um livro que, na obra ficcionista de Baptista-Bastos, se enquadra no propósito criador de não se deixar seduzir por fáceis modismos ou cedências para continuar na crista da onda. Porque o Narrador sabe erguer a voz para confessar em acto quase de penitência: "*Solitário e itinerante, aqui. Se sobrevivi é porque há alguma razão para isso. Os antigos diziam que existe uma só estrada para entrar na colina, mas numerosas para sair*". Ou seja, Baptista-Bastos sempre pôde entender a literatura como uma atitude de verdade em que todas as tensões e ilusões se combinaram nos passos dados e andados. E passados tantos anos (tendo mesmo em conta os livros que depois de *A Colina de Cristal* publicou) podemos assim confirmar que o trajecto literário e jornalístico do autor de *O Secreto Adeus* se cumpre há quase quarenta anos na coerência dos seus actos e palavras, ou como diz Rémora ou o Narrador, proclamar sempre em voz alta que "*a esperança consiste em conquistar-se os segredos da maturidade sem se perder os sonhos da adolescência*".

Serafim Ferreira
crítico literário/ Lisboa

BAPTISTA-BASTOS
A COLINA DE CRISTAL, 4ª. edição
Ed. ASA / Porto, 2000.